



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JULHO 2009 - N° 227

Por ocasião do Ano Sacerdotal, que foi aberto no dia 19 de junho, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, a CARTA DO MÊS oferece à reflexão dos confrades a segunda meditação dos EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS AOS SACERDOTES, proferida por Padre Gaspar em 1810⁴⁹.

FINALIDADE DO SACERDOTE

Prelúdio:

- Imaginemo-nos apenas ter chegado ao mundo como Adão, ter conhecido a Deus e a obrigação de amá-lo por meio das criaturas. Ele nos chama agora ao recolhimento para comunicar-nos alguns desígnios e planos a nosso respeito.
- “Fala, Senhor, o teu servo escuta” (1Sm 3,10).

O sacerdote é obra de Deus

O sacerdote foi criado para fazer com que os homens louvem e temam ao Senhor Deus, servindo-O e servindo os outros para que sejam salvos como irmãos.

1. A escolha do sacerdócio é uma criação.

“Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Jo 15,16). “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Cor 15,10). Como é pela ação da graça, claramente não é por mérito próprio (cf. Rm 11,6). Criar é fazer do nada. Nada há de nosso merecimento em nossa escolha. Nada dispusemos, pois a escolha é dom de Deus.

Temos, sim, muitos deméritos e imperfeições. Como podemos então nos ensoberbecer do que foi concedido gratuitamente? Nós somos nada. E tendo recebido muitos dons não devemos nos considerar mais elevados do que nossos irmãos. Ainda que revestidos de tamanha dignidade, precisamos conservar a humildade. Nossa dignidade nos coloca em ocasião de não correspondermos à santidade exigida por ela. “A quem muito foi dado, muito será pedido” (Lc 12, 48).

2. “Eu vos escolhi do mundo” (Jo 15, 19).

Justamente por Deus nos ter distinguido do mundo urge não sermos mais do mundo: “não sois do mundo” (Jô 15,19). Eis a primeira finalidade de nossa vocação.

É preciso estar separados do mundo, despojados do mundo, crucificados para o mundo, mortos para o mundo: quatro quesitos com os quais devo julgar meu sacerdócio.

⁴⁹ In “Collectanea Stigmatina”, Vol. I, páginas 126-134.

a. Separados do mundo.

A separação se dá não por residência ou moradia, mas por espírito e por sentimentos. Não basta que usemos a veste que nos distingue do mundo; é preciso vestir o espírito de nossa opção. Quantos sacerdotes hoje vivem de forma mundana sob as insígnias sacerdotais! De outra parte, muitos leigos mostram-se mais empenhados em viver o espírito sacerdotal por amor à virtude, à religião, a Deus e ao próximo! Tantos são sacerdotes que não se envergonham em assumir as insígnias do mundo! Retiram a coroa de Cristo e vestem-se com os penteados e os bigodes do mundo.

b. Despojados do mundo.

Seria infelicíssimo o sacerdote que fosse separado do mundo e não fosse despojado do mundo. Ele não teria nem as consolações de Deus nem as do mundo. Seria a utopia do século, diz S. Bernardo. Viveria nem como secular, nem como clérigo; não como secular porque não pertence ao mundo em força da Ordem; nem como clérigo, porque pertence ao mundo como estilo de vida.

c. Crucificados para o mundo.

“O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gl 6,14). Se eu ainda amo o mundo, se o mundo ainda me ama, se encontro prazer no mundo, se o mundo encontra prazer em mim, se o mundo, ainda que eu seja padre, não deixa de concordar com minhas máximas, se eu concordo facilmente com as máximas do mundo, eu sou padre somente de nome. “Se eu agradar o mundo, não serei servo de Cristo” (Gl 1,10). Para ser verdadeiro servo de Cristo e comportar-me como verdadeiro sacerdote, é preciso que eu esteja no mundo como em um estado de padecimento; urge que o mundo seja minha cruz, como eu infalivelmente serei uma cruz para o mundo por causa da oposição de sentimentos e de princípios que haverá entre ele e eu.

d. Mortos para o mundo

Não basta ser crucificado, pois se pode estar na cruz e permanecer vivo; é preciso estar morto para o mundo por fora e por dentro. É necessário que eu seja como um morto por fora. Um morto não enxerga, embora tenha olhos, não toca, não saboreia, não ouve, não caminha, não sente, não se move, sofre de tudo.

O mundo, para o qual se deve morrer está dentro de si mesmo; ele é mais perigoso ainda que o mundo exterior. O mundo que está em mim são as três concupiscências descritas por São João: concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, soberba da vida (Cf. 1Jo 2,16).

Concupiscência da carne: Ó Deus bendito, como infelizmente está viva em muito nos nossos dias! É isto que atrai hoje os flagelos! A incontidência dos sacerdotes é um escândalo generalizado em nosso tempo.

Pela concupiscência dos olhos o sacerdote é dominado pelo interesse.

A soberba da vida é particularmente a soberba do juízo pessoal, também em relação à igreja. Este mundo deve para ser temido porque está dentro de mim, faz parte de mim.

Como afirmei, um morto não vê, não ouve, não sente, não fala, não se indigna, não se comove. Assim eu deveria estar morto para todas as minhas paixões, ao mundo interior e exterior.

3. *O sacerdote não satisfaz sua vocação senão sendo santo.*

A separação, o desapego, a crucifixão e a morte espiritual ao mundo levam à verdadeira santidade. Tenho a honra e, ao mesmo tempo, o dever de lhes dizer – devendo propor-lhes a verdade – que esta é a primeira parte da nossa vocação, aquela que temos em comum com os religiosos. Também o monge é chamado à santidade com a diferença de que o monge satisfaz sua vocação com o aspirar, com o tender à santidade. Na verdade, o sacerdote somente a satisfaz, sendo na prática verdadeiramente perfeito e santo. Um está a caminho, o outro está em estado de perfeição. Há outra diferença: o monge está munido de muitos meios por causa de suas condições de vida, dos votos, da disciplina. O sacerdote convive com inúmeros perigos, com distrações veementes e fortes tentações.

Esta doutrina é indiscutível, porque do Angélico. Com base nesta doutrina, a perfeição e a salvação são duas metas que não podem ser separadas. A perfeição que Jesus Cristo propôs aos cristãos do mundo como conselho é um mandamento para mim. “Purificai-vos vós que levais os vasos do Senhor” (Is 52,11). “Sede santos porque Eu sou Santo” (Lv 11,44; 19,2).

Eu era livre para ser ou não ser padre; mas a partir do momento que fui ordenado não me é mais livre renunciar à obrigação de ser perfeito.

(continua)